

O setor elétrico clama por um cornaca¹

Edvaldo Santana²

A parábola dos cegos e o elefante tem mais de 3.000 anos. Em uma das versões, três cegos são desafiados a identificar um imenso animal. O primeiro, ao tocar na pata do bicho, entendeu que tinha ali uma grande coluna, só que móvel. O segundo, que alisou a orelha do elefante, pensou ter tocado numa superfície plana - um tapete. O último passou a mão no tronco do animal e concluiu que era um barril que se mexia. Ficava evidente, assim, a dificuldade de compreender o todo a partir do suposto conhecimento das partes.

Em 29 de novembro de 2022, no Valor (“MCAS e a bolha elétrica”), deduzi que estava a crescer o volume de usinas que jamais produziriam o previsto nos projetos originais. E completei: a união entre oferta excessiva e riscos mal alocados, combinada com o uso abusivo de subsídios, conduzirá a tarifas elevadas, o que sugeriria uma superavaliação de ativos, como numa bolha.

Na época, a sobra de energia era, em média, de 18 GW e, segundo o operador do sistema, cairia para 16 GW em 2026. Estava otimista o operador. O excedente, em junho de 2024, já é superior a 30 GW, ou cerca do triplo do consumo anual da região Sul. E ainda não foram considerados os efeitos da Medida Provisória 1212 (a MP Dilma 2), que, mantidas as anomalias anteriores, fará crescer mais ainda a oferta.

Em 2023, o consumo no Brasil cresceu algo como 7 GW, quando a expansão por meio da eólica e da solar, que inclui a geração distribuída (GD), foi de mais de 15 GW. Nos EUA, com capacidade instalada quase quatro vezes superior à brasileira, a eólica e a solar, em 2023, cresceram cerca de 32 GW.

O pano de fundo para a expansão via renováveis tem sido a transição energética, como em todo o mundo. Isso é bom. O que não é razoável é transformar as promissoras mudanças na matriz elétrica num vale-tudo lobista,

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/o-setor-eletrico-clama-por-um-cornaca.ghtml>

Acessado em 11.06.2024

² Doutor em engenharia de produção e ex-diretor da Aneel

que usa o Congresso, que se deixa usar, para a transferir renda do consumidor mais pobre para o mais rico.

Até ontem já passava de R\$ 9 bilhões o total de subsídios às renováveis, metade para a eólica e solar centralizada e metade para GD. Certamente superará os R\$ 20 bilhões em dezembro. E há outro tanto de gastos com sobrecontratação e com o estúpido desperdício de linhas de transmissão.

O Globo de 2 de junho, na página 19 (“A base do modelo do setor elétrico está prestes a cair”), trouxe esclarecedora entrevista com o vice-presidente da Siemens Energy para a América Latina. Ao questionar corretamente os subsídios, o executivo chega a conclusões, também corretas, de que esses subsídios levaram à sobreoferta estrutural de eletricidade e à elevação das tarifas.

Porém, ele põe a culpa apenas no lobby da GD, que chama de “mortal, um Robin Hood ao contrário. Rouba do pobre para dar para o rico. Isso é um engodo. É um perigo”. Mas esquece o lobby da eólica, do qual os fabricantes são players importantes.

O consumidor, só entre 2021 e maio de 2024, pagou, sob a forma de desconto no uso da rede, mais de R\$ 20 bilhões de subsídios para as renováveis, a maior parte para as eólicas. Apenas o grande consumidor se beneficia desse “desconto” que, só para ele, resulta numa tarifa que é menos da metade da que paga o pequeno consumidor. É, neste contexto, um Robin Hood ao contrário. E tão ganancioso quanto. (A Agência Internacional de Energia, na sua newsletter de ontem, ressalta que as renováveis reduzem a tarifa de energia. Sim. No Brasil, também, mas só para alguns cercadinhos).

Não é razoável transformar as promissoras mudanças na matriz elétrica num vale-tudo lobista

Mas o vice-presidente da Siemens pôs luz num tema caríssimo às renováveis: a crise, que já resultou na desmobilização, no mínimo parcial, de fábricas e montadoras de equipamentos, com o consequente desemprego. Com efeito, no Valor do dia 5, na página B2, a CEO da Spic, gigante chinesa, usa o eufemismo “diminuição de projetos” para caracterizar a crise antes silenciosa. E tudo isso no intervalo de menos de 70 dias da festa de lançamento da MP Dilma 2, que prometia mais oferta de renováveis. E mais subsídios, claro.

Com uma sobra suficiente para suprir os acréscimos de demanda pelo menos até 2035, os preços da geração não param de cair. Não haveria, por isso, razão para construir mais parques eólicos, tampouco solares. A bolha elétrica explode aos poucos, e por excesso de subsídios, que “empanzinou” as renováveis.

Recentemente, em evento numa plataforma de comunicação especializada, era discutida a participação das baterias no leilão de reserva de capacidade. A ninguém interessou saber o significado de reserva de capacidade. Mesmo que

tal reserva seja motivada pela intermitência da eólica e da solar, teve até quem defendesse a participação dessas fontes no leilão, com o exótico argumento do “respeito aos seus atributos”.

Como na parábola do início deste artigo, cada lobby vê o que lhe interessa, mas cega para o todo. E um acha que é enganado pelo outro, o que aprofunda o conflito pelos malotes de subsídios carregados pelo elefante elétrico. É o extrato da entrevista do vice-presidente da Siemens.

Essa cegueira impede soluções inovadoras. A solar tem baixo custo de investimento, uma usina fica pronta em menos de um ano e pode ser centralizada ou distribuída. Como há sobreoferta (ao menos entre 7 h e 16 h de todos os dias), faz sentido o uso de grandes baterias para acumular a energia solar, que depois seria injetada na rede nas horas de demanda máxima.

É como se atuasse uma usina virtual (virtual power plant) composta por solar e baterias. É o caminho natural para minimizar os efeitos da sobre e dos cortes de geração. Mas alguém precisa ter a compreensão do todo, mesmo que alise apenas a tromba do elefante de subsídios.

Mas tudo caminha para que o conflito das fontes seja pacificado com mais subsídios. Já se fala em um leilão para comprar a energia que ninguém precisa. Ou seja, a lona do circo começou a ser erguida e o elefante já foi escolhido. Só falta o cornaca, isto é, o domador.